

VISÃO DIACRÔNICA DA FLEXÃO VERBAL ROMÂNICA

Bruno Fregni Bassetto (USP)

RESUMO: O autor não apresentou resumo nem palavras-chaves.

A herança latina, presente em todos os níveis das línguas românicas, é particularmente notável nas flexões verbais. Resultado de um longo processo de oposições distintivas, as flexões verbais latinas, bem como as gregas, constituem um quadro que caracteriza, com bastante clareza, as relações com as chamadas pessoas gramaticais, de um lado, e com as noções gramaticais de tempo e modo, de outro. Esse conjunto de morfemas perfaz um sistema fechado, fixo e comum a todos os verbos; os poucos alomorfes observados não passam de pequenas adaptações fonéticas, regidas em geral pela lei do menor esforço. Dadas as dimensões do presente trabalho, abordaremos aqui particularmente os morfemas número-pessoais das línguas românicas, sob o ponto de vista diacrônico.

Esse sistema fechado dos morfemas número-pessoais, invariavelmente os últimos da seqüência da estrutura formal dos verbos, pode ser considerado funcionalmente perfeito no latim, tanto que não se faz necessário qualquer outro índice para determinar a pessoa e o número correspondentes. Destarte, os pronomes pessoais, na função de sujeito, eram totalmente dispensáveis no latim literário, tanto que seu emprego constitui de fato um pleonasma geralmente vicioso, por implicar dupla expressão da mesma relação, o que repugna à conhecida concisão daquela norma. Assim, *dico* reporta necessariamente a *ego*, como *dicimus*, *dixissimus*, *dicebamus* implicam *nos*, não sendo relacionáveis com outras pessoas gramaticais sob o ponto de vista semântico. Obviamente, não se excluem casos estilísticos especiais, como a ênfase e o contraste, em que se justifica o pleonasma. O latim vulgar, distante do sintetismo e da sobriedade da norma culta, caracterizado precisamente pelo analitismo e pela expressividade próprios das variedades eminentemente orais, usava com frequência os pronomes pessoais retos.

É preciso lembrar que os morfemas número-pessoais não são propriamente verbais, porque não se relacionam diretamente com o conteúdo semântico do verbo. Enquanto os modo-temporais indicam

o modo, o tempo e, de alguma forma, o aspecto, próprios do conteúdo verbal, os número-pessoais relacionam esse conteúdo verbal com o *sujeito*, a quem se atribui o que o verbo expressa; remetendo-o às pessoas do discurso, sem contudo modificá-lo de qualquer maneira. Desse caráter extrínseco decorre a facilidade com que os morfemas número-pessoais são eliminados, sobretudo na norma descuidada do povo. Assim, na linguagem popular do Brasil encontra-se *eu canto, tu canta, ele canta, nós canta, eles canta*. Entretanto, há línguas literárias, como o inglês e, de algum modo, o francês, que perderam todo ou em parte o conjunto dos morfemas número-pessoais, substituídos pelo uso dos pronomes retos correspondentes. Havia freqüentemente duplicidade na indicação desse fato e a maior clareza obtida pela enunciação do pronome levou à supressão daqueles morfemas. Sob esse ponto de vista, é até surpreendente que as línguas românicas, de caráter mais analítico, tenham mantido, em boa parte e umas mais que outras, o sistema flexional herdado do latim.

Continuação da variedade vulgar, as línguas românicas herdaram os traços distintivos dos morfemas número-pessoais, ainda que modificados segundo as tendências próprias de cada uma. Partindo do *terminus a quo* comum, a base latina, é possível explicar a maioria das formas encontradas no *terminus ad quem*, as línguas românicas.

Como se sabe, a estrutura das formas verbais é fixa, isto é, a seqüência dos morfemas é sempre a mesma, não havendo qualquer possibilidade de inversões: raiz ou radial, vogal temática, morfema modo-temporal, morfema número-pessoal e, no latim, morfema da passiva. Destarte, a “fórmula” de Joaquim Mattoso Câmara Jr., construída especificamente para o português, pode ser aplicada também a outras línguas românicas, com as devidas adaptações. Se ela abrange o universo verbal românico e do português em particular, para o latim literário, por exemplo, é necessário ampliá-la de modo a incluir a reduplicação e os morfemas da passiva sintética nas formas do *infec-tum*, morfemas perdidos no latim vulgar e, conseqüentemente, também nas línguas românicas. Assim, a “fórmula” original de Mattoso Câmara, $V = T (R + VT) + SF (MMT + MNP)$, para ser aplicada ao latim literário, passaria a $V = (Re + R + VT) + SF (MMT + MNP + MPa)$, com os acréscimos Re (reduplicação) e MPa (morfemas da voz passiva). A reduplicação encontra-se em formas do pretérito perfeito, como *mordeo – momordi, parco – peperi, pario – peperí, tendo – tetendi, pendo – pe-*

pendi. Esse fato, herança do indo-europeu, foi menos freqüente no período clássico do que no arcaico, em que *facio*, por exemplo, tinha *shesheked* pelo clássico *fecit*, segundo atesta a inscrição da Fíbula de Preneste. Trata-se, portanto, de um recurso herdado pouco produtivo, que foi perdendo força com o decorrer do tempo.

As formas passivas do *infectum* na verdade eram caracterizadas por um /-r/ sufixal, como último elemento, com exceção apenas da segunda pessoa do plural que tem o sufixo especial *-mini*; as demais apresentam o /-r/ característico sem modificações, como *amor* ("sou amado"), ou com as vogais de apoio ou de transição /-i-/ ou /-u-/ para desfazer encontros consonânticos de difícil articulação em *amaris*, *amatur* e *amantur*, ou ainda pela supressão do /-s/ em *amatur*. Notável é a formação da segunda singular, em que o /-s/ distintivo se pospõe ao morfema da passiva, com um /-i-/ de apoio, aspectos únicos nessa conjugação, como em *amaris*, torneio pelo qual a língua manteve o morfema /-s/ em posição final, distintivo número-pessoal da segunda pessoa singular.

Para exemplificar, apliquemos a fórmula a *amabantur* ("eram amados"), selecionado por conter todos os morfemas, exceto o da duplicação, que caracterizava as formas do *perfectum*, cuja passiva era analítica: ***amabantur: ama (am + a) + (ba + nt +[u]r)***.

Obviamente, esse tipo de análise dos morfemas componentes da voz passiva só é aplicável às formas do *infectum*, uma vez que as do *perfectum*, como se sabe, eram compostas. Cumpre apenas notar aqui o caráter propriamente aspectual resultativo e permansivo do *infectum*; assim, *Porta clausa est* equivale antes a "A porta está fechada" e só num segundo passo "A porta foi fechada".

No latim vulgar, porém, e conseqüentemente nas línguas românicas, as formas sintéticas da passiva foram abandonadas, tendo sido substituídas por outras analíticas, por analogia com as construções do *perfectum*, em um processo de redistribuição em que o auxiliar passou a indicar o tempo e o modo, bem como o número e a pessoa. Exemplifiquemos com as formas apenas do indicativo:

latim literário	latim vulgar	latim literário	latim vulgar
<i>amo</i>	<i>amatus sum</i>	<i>amatus sum</i>	<i>amatus fui</i>
<i>amabar</i>	<i>amatus eram</i>	<i>amatus eram</i>	<i>amatus fueram</i>
<i>amabor</i>	<i>amatus ero</i>	<i>amatus ero</i>	<i>amatus fuero</i>

Desse modo, *amatus sum* no latim vulgar substituiu *amor* (port. “sou amado”), criando-se analogicamente *amatus fui* para o perfeito, forma inexistente no latim literário nessa acepção, o mesmo acontecendo com as demais formas sintéticas, conforme o quadro acima. Essa clara tendência ao analitismo e à simplificação, características do latim vulgar, estendeu-se a todas as formas verbais ditas sintéticas do latim clássico, como as do *infectum* do subjuntivo e do infinitivo presente (*amari*, “ser amado”) e do perfeito (*amavisse*, “ter sido amado”). Perdeu-se assim o caráter aspectual das formas do *perfectum* do latim literário, pontual em *feci* (“fiz”) e permansivo em *factum est* (“está feito”), como já se assinalou acima.

As línguas românicas, continuações modificadas do latim vulgar, herdaram esse sistema analítico, formando a passiva com o verbo *ser*, com exceção do romeno, que usa *a fi* (< *fieri*). e do rético, que emprega *vegnir* (< *venire*), como se pode ver em

port. <i>eu sou amado</i>	rét. <i>yeu vegnel amaus</i>
cast. <i>yo soy amado</i>	ít. <i>io sono amato</i>
cat. <i>jo som amat</i>	log. <i>eo son amadu</i>
prov. <i>ieu som amat</i>	vegl. <i>ju sai amaut</i>
fr. <i>je suis aimé</i>	rom. <i>eu sint iubit</i>

O verbo românico, portanto, não conservou vestígios da conjugação latina sintética passiva. A perda de seus morfemas próprios simplificou o sistema, forçando o aparecimento das formas analíticas segundo o modelo do *perfectum*. Na voz ativa, porém, os morfemas número-pessoais sempre os últimos elementos da estrutura, de modo geral e uniforme. As línguas românicas, umas mais e outras menos, conservaram esses morfemas, ainda que com modificações. Tomando como exemplo o presente do indicativo latino, sem dúvida um dos mais usados em todos os níveis, temos: *cant-o*, *cant-a-s*, *cant-a-t*, *cant-a-mus*, *can-a-tis*, *cant-a-nt*. O radical *cant-* (da raiz *can-* de *canere*) não sofre nenhuma mutação. A vogal temática /-a-/ é sincopada apenas na primeira pessoa singular, eliminando-se o hiato, como acontecia também em grego (αφγαπωε < αφγαπαωω), permanecendo inalterada em todas as outras pessoas. Por ser um tempo primitivo, as formas do presente do indicativo não têm morfema modal-temporal, em geral característica das formas derivadas. Mas o número e a pessoa são indicados opositivamente por morfemas bem definidos: *-o*, *-s*, *-t*, *-mus*, *-tis*, *-nt*. Percebe-se de início que o singular de cada pessoa gramatical é indicado por um único fonema, enquanto o

correspondente do plural o é por combinações em torno do fonema básico do singular: *-o/-mus* (*/-u-/* é variante de */-o-/* em sílaba átona), *-s/-tis* e *-t/-nt*. Desse modo, parece claro que os fonemas básicos dessas desinências número-pessoais são, no latim, *-o*, *-s*, *-t*; as correspondentes do plural são ampliações desse núcleo, com fins distintivos.

Nos outros tempos e modos, verificam-se variações desse quadro, referentes, sobretudo, à primeira pessoa singular. Encontra-se *-o* no presente do indicativo, no futuro imediato (*cantabo*) e no futuro anterior (*cantavero*). Nas demais formas, menos no pretérito perfeito, o morfema número-pessoal da primeira pessoa é *-m* (*cantabam*, *cantaveram*, *cantem*, *cantarem*, *cantaverim*, *cantavissent*). Mesmo assim, não há quebra da simetria entre as primeiras pessoas singular e plural: *-m/-mus*. Não se verifica qualquer alteração nas demais pessoas dos outros tempo e modos.

As formas do *perfectum*, porém, apresentam alguns traços específicos. Em *cantavi*, *cantavisti*, *cantavit*, *cantavimus*, *cantavistis*, *cantaverunt* temos o *-v-* como morfema modo-temporal próprio do *perfectum* e as desinências número pessoais *-i*, *-isti*, *-it*, *-imus*, *-istis*, *-erunt*. Basicamente, encontram-se aí os mesmos fonemas distintivos. O *-i* da primeira pessoa provém do ind.-eur. *-ai* > lat. arc. *-ei* > lat. clás. *-i#*, como em *deico* > *dico*. A oposição com a terceira singular é obtida pelo acréscimo do morfema característico *-t*. Nas demais formas, o latim conservou a herança indo-européia *-is-*, semanticamente indicativa do aoristo; na terceira do plural, houve o rotacismo (*-isunt* > *-erunt*), por estar entre vogais.

As línguas românicas conservaram esse sistema dos morfemas número-pessoais com modificações e adaptações mais ou menos profundas. Entre as línguas da Ibéria, o português, o galego e o castelhano apresentam um quadro bem próximo ao latim. O português apenas apocopou o *-t* das terceiras pessoas, sonorizou-o (*-t* > *-d-*) e depois sincopou a sonora da segunda do plural. Desse modo, em *cant-o*, *cant-a-s*, *cant-a*, *cant-a-mos*, *cant-a-is*, *cant-a-m*, a oposição distintiva de pessoa e número entre a terceira do singular e do plural se faz por O/m, ou seja, morfema zero/nasal, segundo o esquema do latim, apenas sem o *-t*; o *-s* continua como característico da segunda pessoa, sendo o plural indicado por *-is*. Diacronicamente, temos o seguinte quadro, pelo qual se torna muito clara a manutenção da herança latina pelo português, que apenas apocopou ou sincopou o *-t*:

<i>Latim</i>	<i>Português</i>
Cant- o	Cant- o
Cant-a- s	Cant-a- s
Cant-a- t	Cant-a (O)
Cant-a- mus	Cant-a- mos
Cant-a- tis	Cant-a- is (<cantades > cantais)
Cant-a- nt	Cant-a- m

As outras línguas românicas da Península Ibérica, o galego, o castelhano e o catalão, têm as seguintes formas no presente do indicativo:

<i>Galego</i>	<i>Castelhano</i>	<i>Catalão</i>
Cant- o	Cant- o	Cant
Cant-a- s	Cant-a- s	Cant-e- s
Cant-a	Cant-a	Cant-a
Cant-a- mos	Cant-a- mos	Cant-a- m
Cant-a- des	Cant-a- is	Cant-a- u
Cant-a- n	Cant-a- n	Cant-e- n

O galego e o castelhano mantêm, como o português, a herança latina com bastante fidelidade; na segunda plural, o galego não sincopou a sonora, sendo, portanto, mais arcaizante do que o português e o castelhano. Já o catalão, sob o ponto de vista em exame, afastou-se bastante das outras línguas românicas ibéricas e ligou-se mais às do galo-romance, por razões várias, sobretudo históricas por suas ligações estreitas com a França desde 803, quando Carlos Magno conquistou aos árabes a região de Barcelona e a entregou a seu sobrinho, que falava provençal. A tendência a apocopar as vogais átonas explica as atuais formas; o *-u* da segunda plural resulta da vocalização do *-d*, remanescente do *-tis* latino (*cantatis* > *cantades* > *cantad* > *cantau*). Mesmo assim, o quadro das oposições número-pessoais do verbo catalão permite a dispensa do uso sistemático dos pronomes pessoais, da mesma forma que os de suas irmãs da Península Ibérica.

Entre as línguas do galo-romance, porém, a manutenção das oposições dos morfemas número-pessoais é menor, como se pode ver no quadro abaixo:

<i>Gascão</i>	<i>Provençal</i>	<i>Francês</i>
Jo cant- i	Ieu cant- i	Je chant-e
Tu cant-a- s	Tu cant-a- s	Tu chant-e- s
Eth(era) cant-a	El cant-a	Il chant-e
Nos cant-a- m	Nos cant-a- m	Nous chant-o- ns
Vos cant-a- tz	Vos cant-a- tz	Vous chant-e- z
Eths cant-a- n	Els cant-a- n	Ils chant-e- nt

Nessas línguas, como também no catalão, houve inicialmente apócope do *-o* na primeira pessoa. No catalão manteve-se a consoante final, mas nas outras surgiu um *-e* como vogal de apoio; nas regiões mais ao sul, já no séc. XII, o *-e* passou a ser pronunciado *-i*, que se manteve, donde *canti* no gascão e no provençal, línguas nas quais os morfemas número-pessoais apontam para um paradigma comum, modernamente denominado *occitano*. No francês, o *-t* da terceira singular foi apocopado em fins do séc. XI; *-ons* da primeira plural resultou da unificação das formas latinas *-amus*, *-emus* > *omos*, por razões ainda não muito claras, havendo romanistas que atribuem o fato à analogia com *sumus*, de uso muito freqüente; assim, esse *-o-* seria um alomorfe da vogal temática. Na segunda plural, houve um africamento de *-tis* > *tz*, conservado no gascão e no provençal e reduzido a simples sibilante em francês, hoje não mais pronunciada. Aliás, todas as formas rizotônicas do francês, em que pesem as diferenças ortográficas, são pronunciadas da mesma forma (*/chât/*), de modo que apenas as arrizotônicas *chantons* e *chantez* se distinguem claramente; daí a necessidade do uso dos pronomes pessoais na conjugação francesa, diferentemente das outras línguas estudadas até aqui.

No domínio do reto-romance, destacamos para análise e comparação três variedades lingüísticas, duas do rético ocidental, o sobresselvano e o valáder, e uma do oriental, o friulano, procurando dar uma visão completa das variantes dessa língua românica:

<i>Sobresselvano</i>	<i>Valáder</i>	<i>Friulano</i>
Yeu cant-e- l	Eu cant	Yo cant-i
Ti cant-a- s	Tü cant-a- st	Tù cant-i- s
El cant-a	El cant-a	Lui cant-e
Nus cant-e- in	Nus cant-a- in	Noaltris cant-i- n
Vus cant-e- is	Vus cant-a- is	Voaltris cant-a- is
Els cant-a- n	Els cant-a- n	Lor cant-i- n